



ANAIS do 36º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Brasília-DF, 20-23 de Abril de 2022



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 36º Congresso Brasileiro de Espeleologia (CBE) disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br.

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

FARIA, L. E.. Cavernas do Espírito Santo (parte I): panorama sobre patrimônio histórico e espeleológico de grutas graníticas do estado. In: MOMOLI, R. S.; STUMP, C. F.; VIEIRA, J. D. G.; ZAMPAULO, R. A. (org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 36, 2022. Brasília. *Anais...* Campinas: SBE, 2022. p. 101-107. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais36cbe/36cbe_101-107.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.
Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br

CAVERNAS DO ESPÍRITO SANTO (PARTE I): PANORAMA SOBRE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ESPELEOLÓGICO DE GRUTAS GRANÍTICAS DO ESTADO

*CAVES OF ESPÍRITO SANTO (PART I): OVERVIEW OF THE HISTORICAL AND
SPELEOLOGICAL HERITAGE OF THE GRANITE CAVES OF THE STATE (BR)*

Luciano Emerich FARIA (1,2)

(1) Opilião – Grupo de Estudos Espeleológicos (OGrEE), (2) MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal.

Contato: luemfa@hotmail.com.

Resumo

O Espírito Santo é um dos estados de menor riqueza espeleológica da região Sudeste, consequentemente, do Brasil, dada sua geologia pouco favorável à formação de cavernas ou ainda do baixo número de espeleólogos locais. No entanto, o estado retém grande número de importantes cavernas, dentre elas, algumas que concentram elevada importância histórica e turística, dado ao grande número de referências a algumas delas. Este é o caso da gruta do Limoeiro (Parte II), caverna que se desenvolve em mármore na cidade de Castelo, e que foi visitada por poetas e naturalistas nos séculos XIX e XX. Já a gruta Maria Drumond (Parte I) foi uma curiosidade durante os primeiros anos de formação do município de Rio Novo do Sul, cidade marcada pela colonização europeia durante o império de Dom Pedro II. Esta interessante caverna ainda faz parte das memórias de muitos locais como ponto de festas e festivais de música. A espeleologia ainda tem muito a contribuir com o patrimônio natural do ES, principalmente na divulgação da história natural do estado e na busca por formação de novos especialistas na área.

Palavras-Chave: Maria Drumond; Cavernas em granito; Espírito Santo; Patrimônio Histórico.

Abstract

The Espírito Santo is one of the states with lowest speleological richness in the Southeast region, consequently, in Brazil, given its unfavourable geology for cave formation or the low number of local speleologists. However, the state retains a large number of important caves, among them, some that have great historical and tourist importance, given the large number of historical references to some of them. This is the case of Gruta do Limoeiro (part II), a marble cave in the city of Castelo, which was visited by poets and naturalists in the 19th and 20th centuries. Maria Drummond cave (part I), in turn, was a curiosity during the first years of formation of the municipality of Rio Novo do Sul, a city marked by European colonization during the empire of Dom Pedro II. This interesting cave is still part of the memories of many places as a place for festivals and music festivals. Speleology still has a lot to contribute to ES's natural heritage, mainly in the dissemination of the state's natural history and training new specialists.

Keywords: Maria Drumond; Granitic caves; Espírito Santo st.; Historical Heritage.

1. INTRODUÇÃO

A história do Espírito Santo (ES) se confunde com a história do Brasil. Em quase 500 anos de exploração do Estado, um bom número de referências históricas sobre cavernas – no relativo pequeno território (46,1 mil km²: o quarto menor estado brasileiro) de geologia pouco favorável ao desenvolvimento de cavernas – compensa a baixa densidade de cavernas registradas em seus limites (Quadro 1). Entretanto, o ES apresenta relativa ‘densidade’ de cavernas em comparação com estados de mesma área, mas que tem ora geologia propícia ou número maior de espeleólogos.

O ES apresenta uma litologia semelhante à do estado do Rio de Janeiro onde predominam montanhas graníticas, alinhadas em relevos de serra nos sentido norte-sul, e:

representantes do embasamento cristalino com protólitos para e ortoderivados a granitoides cristalizados durante a granitogênese brasileira (PINHO, et. al., 2015).

Ainda, alguns corpos carbonáticos são inseridos no contexto das

sequências metassedimentares Neoproterozoicas ocorrem em todos os domínios, representadas pelos grupos Macaúbas, Dom Silvério, Rio Doce e Paraíba do Sul” (ALMEIDA, et al., 2012).

Quadro 1: Comparação de ‘densidade’ de cavernas em alguns estados do Brasil.

ESTADO	ÁREA (km²x1.000)	Cavidades	Densidade*	Posição no País
Distrito Federal	5,8	158	27,43	1º
Rio Grande do Norte	52,8	1362	25,79	2º
Minas Gerais	586,5	10569	18,02	3º
Sergipe	21,9	114	5,20	4º
Tocantins	277,5	939	3,38	5º
São Paulo	248,2	816	3,29	6º
Goiás	340,2	1065	3,13	7º
Bahia	564,8	1694	3,00	8º
Rio de Janeiro	43,8	117	2,67	10º
Espírito Santo	46,1	43	0,93	16º
Paraíba	56,5	19	0,34	21º

*número de cavidades registradas no CANIE-CECav dividido pela área do estado em km²x1.000

São comuns principalmente no sul do estado onde as mineradoras extraem uma das grandes riquezas do ES: os mármore ornamentais, de enorme uso na construção civil (Figura 1).

As belezas naturais do ES também representam uma enorme riqueza ao estado e, anualmente, inúmeros turistas visitam praias e os patrimônios histórico e natural capixaba. Entretanto, o patrimônio espeleológico é muito pouco divulgado e conhecido, seja por visitantes de outros estados ou mesmo pela comunidade espeleológica nacional e, dessa forma, duas importantes grutas são praticamente ignoradas em abordagens científicas: a gruta do Limoeiro, na cidade de Castelo (gruta que se desenvolve em matriz carbonática - mármore), e a gruta Maria Drumond, na cidade de Rio Novo do Sul (cavidade em *talus* granítico). Tais cavernas

apresentam elevada relevância histórica e a gruta do Limoeiro pode ser uma das grutas com as mais antigas referências de visitas recreacional e científicas do Brasil.

2. OBJETIVO E METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é revelar à comunidade espeleológica nacional a relevância destas duas cavidades capixabas, além de motivar pesquisadores locais e órgãos administrativos a desenvolverem trabalhos de estudo e preservação de tais cavidades. Para isso, o autor se debruçou em diversas referências históricas contidas em livros, artigos científicos e jornais dos séculos XIX e XX que abordam as cavernas como temas de suas comunicações, bem como a realização de visitas em campo e, quando necessários, levantamentos topográficos das cavidades estudadas com uso de técnicas topográficas consagradas (RUBBIOLI & MOURA, sd.) e registro de cavidades no Cadastro Nacional de Cavernas (CNC) - SBE.

Para que o trabalho pudesse se adequar ao formato de publicação no evento para o qual se presta, o autor optou por dividir o material pesquisado em Partes I e II. Este Artigo apresenta as referências sobre grutas que se desenvolvem em rochas graníticas (Parte I) e o outro aborda a importante gruta do Limoeiro que se desenvolve em rocha carbonática (Parte II, e consta dos mesmos anais do Evento – 36º CBE).

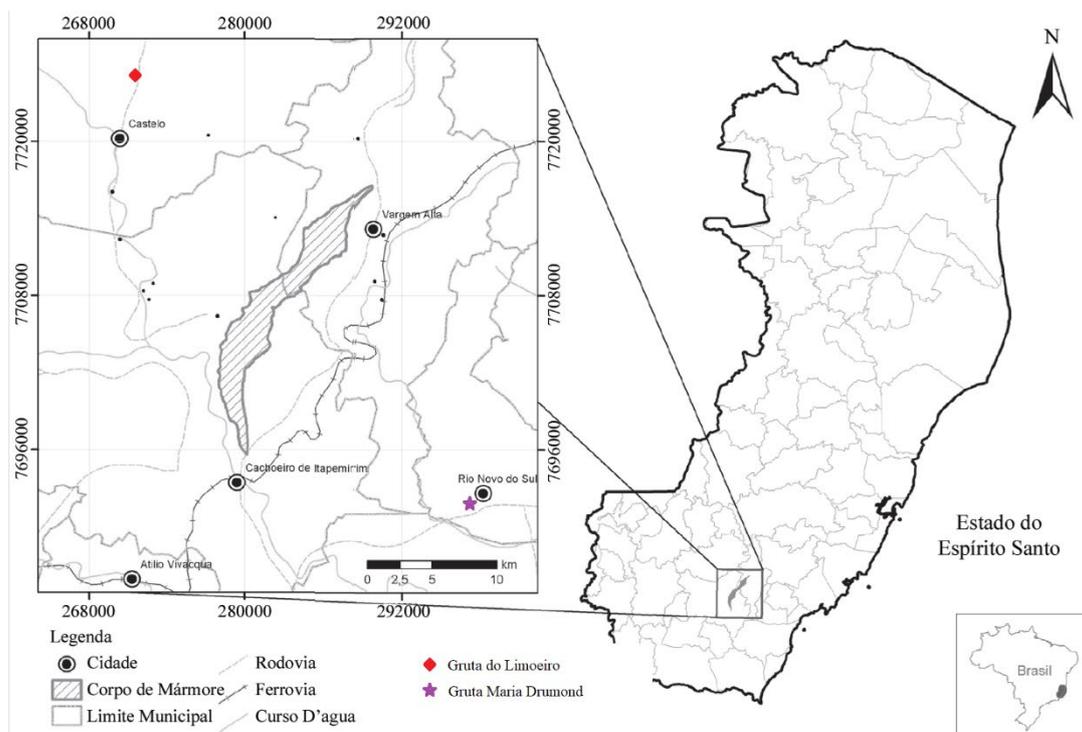


Figura 1: mapa do estado do Espírito Santo com as principais cavernas apontadas nesta estudo (modificado de ALMEIDA, *et al.*, 2012)

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 As primeiras referências de cavernas em granito do ES

Apesar da maioria dos relatos sobre cavernas no ES terem sido escritos apenas a partir do século XIX, algumas localidades, como a Baía de Vitória e Ilha dos Franceses, já eram conhecidas desde os primeiros anos da descoberta do Brasil.

A história da capitania hereditária do Espírito Santo se inicia em 1534, quando o rei D. João III nomeia Vasco Fernandes Coutinho (1490-1561) como seu primeiro donatário. Em 1535, já no Brasil, Coutinho fundou a ‘Villa do Espírito Santo’, mais tarde ‘Vila Velha’, aonde chegou em 1558 o frei franciscano Pedro Palácios (ca. 1500-1570), fundador do Convento da Penha (OLIVEIRA, 2008). Por certo tempo, com os hábitos eremitões de alguns clérigos de sua época e casta, viveu o padre em uma pequena gruta na Prainha, hoje bairro de Vila Velha, onde ostentava uma imagem de Nossa Senhora dos Prazeres em pequeno abrigo improvisado (Figura 2), que servia de ponto de partida para catequização das tribos indígenas dos arredores e dos novos colonos que chegavam.



Figura 2: representação artística (Benedito Calixto - 1926) de frei Palácios na pequena gruta onde se abrigava

A gruta ainda existe no centro histórico de Vila Velha (Figura 3) e é um dos pontos de visitação que fazem parte do conjunto do Convento da Penha, um dos pontos turísticos mais visitados do estado.

Apesar do grande apelo histórico, da facilidade de acesso ou mesmo de ser um marco capixaba, a pequena cavidade não parece ter recebido até hoje, a devida atenção da espeleologia, nem mesmo outras pequenas cavidades formadas por *talus* de granitoides, muito comuns nos litorais do sudeste e que formam outras cavernas como a gruta da Onça, em Vitória, ou das grutas da Praia do Padre I e II, em Meaípe – Guarapari (ES), recentemente mapeadas e em cadastro no CNC. Aparentemente, tais cavernas têm em comum um desenvolvimento em torno de

10m, mas, apesar de pequenas, são abrigos temporários de morcegos.



Figura 3: imagem da ‘gruta de Frei Palácios’ aos pés do penhasco do Convento da Penha

Já a Ilha dos Franceses é uma pequena ilha litorânea (aprox. 15ha) do município de Itapemirim e dista do continente pouco mais de 3,5km. A ilha que consta em documentos cartográficos históricos desde o século XVI, deve seu nome (ao que tudo indica) ao fato de ser sido local de porto de franceses que faziam ali sua parada antes de seu avanço pelo litoral do Rio de Janeiro onde tentaram estabelecer colônia na baía de Guanabara (CARVALHO, sd.). Um interessante relato do jornal *O Estandarte*, de 1871, confirma esta afirmativa e traz informações curiosas sobre a ilha e a cavidade:

Assim denominada desde 1555 (a ilha), em que até 1567, os francezes obstinados em recuperar o Rio de Janeiro, d'alli fazião a sua derrota para o sul. Segundo a descrição que da Ilha da Ascensão ou da Trindade faz o Sr. Milliet de Saint-Adolphe no seu dicionario geographico e historico, parece ser a do Francez aquella, que os antigos geographos denominarão Ascensão; até porque nem um navegante a vio depois mais, depois de Tristão da Cunha. Ha n'ella uma extensa cavidade subterranea, que occupa mais da metade da mesma ilha. Dizem que antigamente penetrava-se n'esta gruta até o fim, havendo em cima quasi no meio um orificio, por onde introduzia-se o ar; mas presentemente avança pouco além da entrada; o que faz-se na maré vasia. O ar alli está em estagnação; e são tantos os reptis, os morcegos, e uma especie de andorinhas, que não se pode ir mais adiante. ... Ainda ha quem creia em uma historia inverosimil, que corre entre o povo, relativa a um thesouro consideravel enterrado n'esta caverna por um pirata hollandez. Parece que por esta causa alguns visionarios teem aforado a ilha; mas nada descobrindo teem logo desistido do aforamento (GN, 1871).

Atualmente, a Ilha dos Franceses e a caverna (denominada pelos locais como ‘Gruta do Judeu’) são “considerados patrimônio do Estado e terão suas características ecológicas preservadas,

condicionada a sua exploração à prévia autorização dos órgãos competentes” (ES, 2001). No entanto, mesmo com acesso restrito, pululam histórias contadas pelos locais sobre a caverna, que pode dar acesso ao Monte Aghá, um morro granítico há mais de 8km da ilha, no litoral da cidade vizinha, Piúma. Sites governamentais ainda apontam que nesta gruta o famoso biólogo capixaba Augusto Ruschi (1951) descreveu uma colônia de morcegos piscívoros (Noctilionidae) na gruta com mais de 150 indivíduos (RUSCHI, 1951), mas não observado pela visita ao local (ocorrida há mais de 10 anos).

Completando uma série de referência sobre grutas próximas a regiões litorâneas, acha-se em um manuscrito, datado entre 1828 e escrito por Inácio Acioli de Vasconcelos (?-?), que foi presidente da Província do ES entre 1823 e 1829 em que se indica que Inácio Acioli de Vasconcelos

Em muitos lugares da Provincia há grutas, que não tem aqui lugar por nada conter de notavel nem pela sua regularidade e forma, nem pela materia de que são formadas, servindo té aqui de azilo a alguns Escravos fugidos, bem como a conhecida no morro da Lapa denominada do Pai Ignacio. Quantos destes objectos terão sido desprezados pela ignorância? (VASCONCELLOS, 1828)

No entanto, não foi possível se identificar onde fica o Morro da Lapa em documentos cartográficos históricos ou mesmo a gruta “Pai Inácio” nas proximidades de Vitória.

3.2 A Gruta Maria Drumond

A gruta Maria Drumond é mais uma das cavidades do ES que forneceriam referências históricas o suficiente para um capítulo de livro. Essa caverna se localiza em Rio Novo do Sul, mais uma das várias cidades cortadas pela rodovia BR-101. Quando se passa pela região, impressionam os relevos e as formas das montanhas graníticas – uma em específico com formato de dois cônegos, o ‘Frade e a Freira’ – e demais pontos turísticos como cachoeiras e a referida “Gruta Maria Drumond”.

Um visitante desavisado pode imaginar, pela quantidade de placas bem conservadas e de tamanho considerável, que a gruta é um ponto turístico de grande fluxo de turistas. Contudo, a decepção pode abater-se à pessoa que encontra, debaixo de imensos blocos de granito, paredes e portões em péssimo estado de conservação que limitam o acesso ao interior da cavidade.

As histórias contadas pela mídia e pelos guias locais apontam que a caverna leva o nome da esposa de um dos primeiros colonizadores do sul do Espírito Santo (provavelmente o Major Caetano da Silva no fim do séc. XIX) e que o local era ponto de parada de tropeiros que procuravam descanso e água limpa para

dessedentação (DIÁRIO DA MANHÃ, 1922). Antes disso, a cavidade era simplesmente referida como a “gruta de Rio Novo”.

A história da cidade de Rio Novo do Sul é marcada como uma das iniciativas do Império em trazer ao Brasil colonos da Europa. Assim como ocorreu em outras localidades (Santa Isabel e Domingos Marins, por exemplo), italianos, alemães e franceses tiveram à sua disposição um pedaço de terra a partir do ano de 1855 (IBGE, sd.). É provável que a gruta deva sua descoberta com os avanços das culturas das terras da cidade, uma vez que sua entrada está há poucos metros de construções históricas que datam do início da urbanização do território.

A descoberta da gruta não tem data certa, mas durante o governo de Jerônimo Monteiro, governador do ES no período compreendido entre 190-1912, imagens da pequena cavidade passam a integrar um relatório de curiosidades naturais e produções capixabas (Figura 4). A gruta só tem interesse científico quando é narrada pelo farmacêutico Archimimo Mattos (1880-1941), em 1922, que aponta a cavidade como uma gruta em *talus*, formada por imensos matacões de granito. No mesmo ano, o livro comemorativo do centenário da Independência do Brasil “Geographia do Brasil” informa que a gruta “*formada pela erosão dos blocos de granito, que pôde abrigar cerca de 200 pessoas*” (SGRJ, 1922).

Mais tarde, em 1958, a gruta é visitada por uma missão do IBGE que retrata a gruta em um dos trabalhos de campo, chefiada por Tibor Jablonsky e Antonio Teixeira Guerra (Figura 5). Este mesmo trabalho de campo ainda traz informações e imagens da cidade, inclusive uma foto que aponta os sulcos formados por processos erosivos em alguns blocos de granito que compõem os entornos da gruta.



Figura 4: interior da “gruta de Rio Novo” (APEES, 1908)

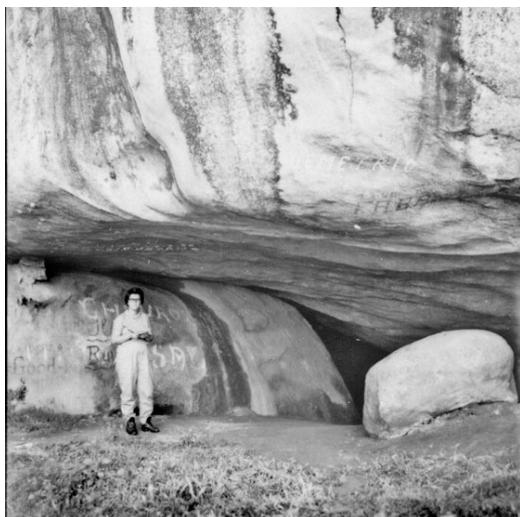


Figura 5: Gruta Maria Drummond, fotografada em trabalho de campo da equipe do IBGE (sd.)

A gruta foi por certo tempo administrada pelo Lyons Club da região e por muito tempo funcionou como casa de shows em seu imenso salão. Algumas matérias jornalísticas chegam a informar que no local, na década de 80, até mesmo concursos de misses aconteceram na gruta que tem modificações como iluminação interna, palco, banheiros, piso em concreto e estruturas recreativas para churrasco e festas diversas.

A cavidade chegou a constar de relatórios de “potencialidades” históricas e turísticas a serem abordadas no ES (CAVALCANTI, 2013) como sendo uma: “gruta formada por imensos blocos de pedra, com uma abertura de 550m² e 40m de altura e fica localizada na Rua Major Caetano, Centro”, mas as iniciativas para sua reativação não fizeram sucesso até esta data. Hoje na cidade aponta-se apenas um guardião de sua estrutura física e memórias e que é a pessoa que responde pelo telefone que consta na placa instalada nas dependências da gruta (Figura 13).

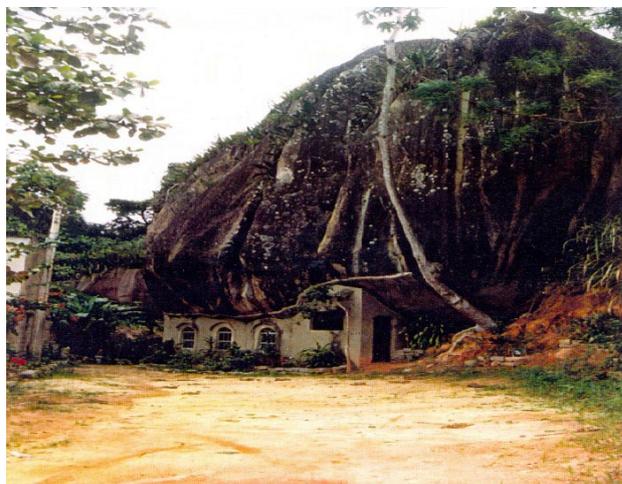


Figura 6: entrada da gruta, fotografada em 2013, que mostra as modificações criadas para seu uso público

Em termos espeleológicos, a visita à gruta – que ainda se encontra em fase final de mapeamento e foi cadastrada no CNC (ES-77) – concorda com as observações feitas anteriormente em relação ao processo de formação. Grandes blocos de um granito muito trabalhado por processos erosivos compõem o teto da cavidade, enquanto blocos menores que sustentam o enorme matacão são suas paredes. Ao lado do salão principal (ilustrado na figura 11), de um pequeno conduto, verte águas de uma nascente que nasce na gruta através de uma surgência. A gruta neste local se amplia em corredores que necessitam rastejamento até dar encontro a outras duas saídas a norte da boca principal. Um total de 173m de condutos e desnível de 10,5m são medidas espeleométricas que surpreendem o espeleólogo acostumado com cavidades em litologias graníticas (Figura 7).



Figura 7: salão principal da Gruta Maria Drumond, nos dias atuais, com piso e paredes modificadas

A acessibilidade à gruta que não permite o acesso restrito, também é um fator que chama atenção. A gruta tem sido bastante depredada, como se veem nas diversas pichações (Figura 8) em seu interior. Uma delas, a propósito, tem os dizeres escritos em árabe: “*nós visitamos esta caverna no Brasil desde 1957 e esta caverna pertence a Abdollah e Foad Jaboor*” (traduzido em colaboração com os responsáveis pelo perfil no Instagram – Persian Espeleology).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado do Espírito Santo ainda tem muito a contribuir na composição do patrimônio

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. N. *et al.* Caracterização geológica e geoquímica das intrusões de rochas metamáficas e félsicas nos mármores do Sul do Espírito Santo. **Revista Brasileira de Geociências**, v. 42, n. 2, 2012
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO ESPÍRITO SANTO (APEES). **Gruta de Rio Novo, 1908-1912**. Coleção Jerônimo Monteiro. 2018. Disponível em <http://atom.beta.es.gov.br/index.php/gruta-do-rio-novo-2>. Acesso 07 de janeiro de 2022

espeleológico nacional. Este artigo comprova a necessidade de mais estudos na área que podem fazer crescer vertiginosamente o cadastro de novas cavidades além das apenas 77 reconhecidas (e a maior parte delas, como em outros Estados minerários, indicadas pela necessidade de atividade de empresas de extração de granitos e mármore).

O próprio Augusto Ruschi aponta outras tantas cavernas, em seu texto sobre morcegos, que não foram ainda apontadas em bancos de dados espeleológicos e que podem ajudar a entender melhor os processos evolutivos daquela região, bem como apontar novos vestígios paleo e arqueológicos capixabas.

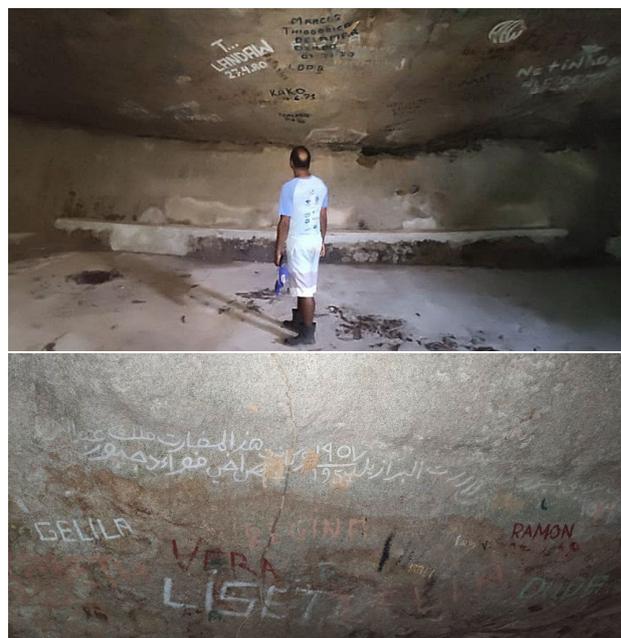


Figura 8: pichações nas paredes e tetos da gruta, em português e árabe

5. AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao sr. Jairo pela receptividade e apoio na etapa de topografia da gruta.

- CARVALHO, L. Invasões francesas no Brasil Colonial. **Portal Brasil Escola**, sd. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/invasoes-francesas-no-brasil-colonial.htm>> acesso 30 de dezembro de 2021
- DAEMON, B. C. **Provincia do Espírito Santo**: sua descoberta, história chronologica, synopsis e estatistica, Victoria: Typographia do Espirito-Santense,. 1879
- DIÁRIO DA MANHÃ. Vitória, edição 00101, 12 de Abril de 1912..
- ESPÍRITO SANTO (Estado), **LEI Nº 6.557** “Dispõe sobre as terras de domínio do Estado e sua atuação no processo de discriminação e regularização fundiária e dá outras providências”. Vitória, 2001.
- GN (?), Jornal ‘O Estandarte’, Cachoeiras do Itapemirim, ano III, n. 52, 1871.
- INSTITUO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE Cidades**: Rio Novo do Sul. sd. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/rio-novo-do-sul/historico>. Acesso dia 07 de janeiro de 2022
- OLIVEIRA, J. T. **História do estado do Espírito Santo.**, 3 ed. Vitória : Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura , 2008. Vol. 8
- PINHO, D. *et al.* Avaliação dos dados obtidos nas setorizações de risco realizadas no Espírito Santo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA DE ENGENHARIA E AMBIENTAL, 15, 2015, Bento Gonçalves. **Anais [...]**. Bento Gonçalves, RS: ABGE, 2015
- RUBBIOLI, E.; MOURA, V. **Mapeamento de Cavernas**: guia prático. São Paulo: Redespeleo. Brasil, s/ data.
- RUCSHI, A. Morcegos do Estado do Espírito Santo. **Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão**, n. 7, 1951.
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO (SGRJ). **Geographia do Brasil**. Rio de Janeiro: Lith. Typ. Pimenta de Mello. 1922.
- VASCONSELLOS, J. M. P. **Selecta brasiliense ou, Noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, à historia e cousas do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Universal de Laemert,. 1828.